

GT22: As Festas na pandemia de Covid-19

Hugo Menezes Neto, Luciana Chianca

A COVID-19 abalou profundamente o calendário cíclico das festas populares tradicionais. Porém, contrapondo-se ao caos e à desordem pandêmicas, a festa respondeu com a concretude de processos rituais particulares, mobilizando também sentidos cosmológicos amplos do viver coletivo. Desde a preparação à realização das festas, a pandemia afetou as mobilizações, conagraçamentos e encontros, pois independentemente da sua dimensão, todas foram atingidas pelo medo, inseguranças e perdas de vidas. Alterando o trânsito festivo pelos espaços e territórios, a COVID-19 interferiu no turismo e na economia de muitas cidades - pois as festas também envolvem trabalho, emprego e o sustento de muitas pessoas, famílias e grupos. Este GT pretende reunir pesquisas que abordem como as festas tradicionais da cultura popular contemporânea - carnaval, semana santa, festejos juninos, celebrações do Divino, festas de santo, romarias, procissões e cantorias, entre outras - têm enfrentado a suspensão da presença física tão determinante na experiência ritual. Queremos debater as adversidades, a adaptação e a capacidade de resiliência das festas (e festeiros) nesse período excepcional que impediu a ocupação dos espaços característicos de sua preparação e celebração, apontando, ao mesmo tempo, para uma propulsão criativa, como, por exemplo, nas mobilizações virtuais. Em "tempos de cólera", como a experiência festiva se reconfigura através de novas práticas, dinâmicas e ordenamentos?

A resiliência cultural do Dia dos Mortos no México em tempos de narco-violência, pandemia, e guerra colonial

Autoria: Olof Kjell Oscar Ohlson

Esta apresentação analisa a resiliência cultural da famosa festa religiosa do México, o Dia dos Mortos, que ocorre anualmente em 1º e 2 de novembro, no que no resto do mundo católico é conhecido como "Dia de Todos os Santos" e "Finados", em tempos extremos. A festa comunitária é celebrada com oferendas de comida oferecidas em altares lindamente decorados em todo o México, mas com diferenças importantes dependendo do local e da etnia, pois diz-se que as almas dos falecidos retornam nessas noites e dias para ficar perto dos seus parentes. Os altares são feitos em casas, em espaços públicos e em cemitérios. A celebração do Dia dos Mortos ganhou destaque no México durante um período de genocídio e guerra colonial brutal contra a população local. Essas comunidades insistiam em tornar seus mortos mais visíveis na esfera pública no exato momento em que as elites procuravam esconder a destruição. Como tal, o Dia dos Mortos é, desde a sua própria concepção, tanto um ritual de rebelião que responde à gestão estatal da morte quanto uma ilustração da resiliência cultural, pois as relações sociais das classes populares foram mantidas na vida póstuma e receberam um papel de destaque na comunidade. Ao longo dos anos, a festa desenvolveu um humor político sombrio e mórbido, que muitas vezes zomba dos poderosos. Nas últimas duas décadas, muitos altares públicos sustentam o que chamo de "vidas póstumas políticas" das muitas vítimas de violência do país, criticando a gestão estatal da guerra do narcotráfico em curso. San Andrés Mixquic, uma comunidade Nahuatl descendente asteca e um dos principais pontos turísticos do país localizada ao sul da Cidade do México, possui um grande programa público realizado durante vários dias para celebrar o retorno dos mortos. Na celebração, o cemitério local é especialmente importante, pois é onde fazem uma vigília conhecida como "la Alumbrada" com milhares de velas iluminando os caminhos para que as almas voltem para sentir o aroma dos alimentos presentes. As comunidades Nahuatl também celebram um terceiro dia, conhecido como o "dia dos que morreram por acidentes ou assassinatos." A gestão do atual governo do COVID-19 tem sido controversa e a celebração deste ano, quando as festividades públicas retornam, pode ser uma saída para

mostrar a frustração da população. No geral, a festa ilustra como o calendário ritual local pode ajudar a lidar com as vidas perdidas na pandemia. O Dia dos Mortos é uma comemoração feliz que exemplifica a reciprocidade intergeracional de cuidado e a continuidade do amor ao longo das gerações.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

